



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Leme Silva, Maria Isabel da

Resolução de Conflitos Interpessoais: Interações entre Cognição e Afetividade na Cultura

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 367-380

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817310>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Resolução de Conflitos Interpessoais: Interações entre Cognição e Afetividade na Cultura

*Maria Isabel da Silva Leme<sup>1,2</sup>*  
*Universidade de São Paulo*

## Resumo

Foram realizados 2 estudos para esclarecer aspectos envolvidos na violência interpessoal e algumas interafetividade no funcionamento psicológico. No primeiro estudo, a Escala *Children's Action Tendency Scale* (CAT) amostra de 779 alunos de 2<sup>a</sup> a 7<sup>a</sup> série. As tendências de resolução de conflito encontradas, assertividade, se coincidiram com as encontradas por Deluty na amostra americana. Porém, foram encontradas diferenças na submissão e assertividade entre as duas amostras. No segundo estudo foi usada a versão abreviada com um grupo de 5<sup>a</sup> à 7<sup>a</sup> série. Foram encontradas diferenças entre os 2 estudos nas tendências predominantes de resolução de conflito, submissão e agressividade sobrepujaram a assertividade, que ficou em último lugar. Tais resultados sugerem a necessidade de inter-relações entre contexto de pesquisa, idade, gênero e cultura.

*Palavras-chave:* Resolução de conflito interpessoal; cognição; afetividade; cultura.

**Abstract**  
Two studies were conducted in order to assess some issues involved into interpersonal violence, and also to analyze the effects of the cognitive and affective interrelationships on psychological functioning. In Study 1, the complete version of the Conflict and Aggression Tendency Scale (CATS) was used to assess conflict resolution tendencies in a sample of 779 2<sup>nd</sup> to 7<sup>th</sup> graders. The results showed that the main tendencies of conflict resolution, assertiveness, submissiveness and aggression found among Brazilian students were similar to those found for the American sample, but some significant differences regarding submissiveness and assertiveness were also found. In Study 2, a short version of the scale was administered to a sample of 320 5<sup>th</sup> to 7<sup>th</sup> graders, in which the main tendencies found were submissiveness, aggressiveness and assertiveness, as well as a mixture of the first two tendencies. The results also showed that the cognitive and affective interrelationships of personal content are sex and culture.

**Keywords:** Interpersonal conflict resolution; cognition; emotion; culture

Presenciamos atualmente, com preocupação, o crescimento alarmante da violência, que, segundo a Organização Mundial de Saúde, ocasionou 1,7 milhões de óbitos em 2000(Yunes, 2002). Este dado torna-se ainda mais preocupante quando se verifica, segundo a mesma fonte, que as principais vítimas e perpetradores da violência interpessoal são adolescentes e jovens adultos.Tal preocupação nos motivou a realizar a presente pesquisa, que teve por objetivo geral contribuir para a compreensão de alguns aspectos envolvidos neste fenômeno. Selecionou-se, assim, como variáveis de estudo, as tendências de

estes aspectos interagem na conflitos interpessoais, aqui entra a interação social de confronto, os conflitos que são, portanto, desencadeados para ser resolvidos de maneira violenta, justamente, dos recursos cognitivos e dos contextos sociais em que a resolução de problemas, como fornece informações importantes para a mobilização conjunta de afeto e no funcionamento psicológico.

avaliassem desta forma as várias tendências de resolução, pacíficas ou violentas, de problemas do tipo conflitos interpessoais, razão pela qual utilizamos o desenvolvido, validado e cedido por Deluty em sua tese de doutorado nos Estados Unidos. O instrumento mostrou-se válido, também, com uma população de crianças e adolescentes americanas de descendência latina (Briggs, Tovar & Corcoran, 1996), outra razão pela qual selecionou-se o instrumento para pesquisar como crianças e adolescentes resolvem este tipo de problema em nosso meio.

No primeiro estudo, investigamos como uma amostra de alunos de primeiro grau de escolas públicas e privadas respondia à escala de conflito interpessoal contendo alternativas fechadas, *The Children's Action Tendency Scale* (CATS), conforme desenvolvida inicialmente por Deluty (1979). Dados os resultados obtidos nesta primeira pesquisa, em que constatamos alguns aspectos que nos chamaram a atenção, como diferenças significativas na comparação com a amostra americana estudada por Deluty, e no seio da própria amostra brasileira, realizamos um segundo estudo, envolvendo basicamente as mesmas descrições de situações, porém sem as alternativas, como um questionário aberto (Deluty, 1981).

A introdução teórica, a seguir, trata do que a literatura da área já elucidou sobre a resolução de conflitos interpessoais, que nos auxiliaram tanto no levantamento de hipóteses como na interpretação dos resultados. Encontram-se nesta revisão as principais tendências de resolução de conflitos interpessoais identificadas, e que são avaliadas pela escala usada, assim como os fatores que contribuem para a predominância de uma sobre outra. A seguir, são descritos os dois estudos, os resultados alcançados e as conclusões favorecidas pela comparação dos mesmos.

#### **A Agressividade como Tendência de Resolução de Conflitos Interpessoais**

Como será possível constatar a seguir, a agressividade é a tendência de resolução de conflitos interpessoais mais prevalente, diante da comparação com as outras tendências.

identificado de comum nestes comportamentos de causar prejuízo ao outro, aliada à expectativa de que o objetivo será atingido (Edmunds & Kendziora, 1990; Loeber & Stouthamer-Loeber, 1990). Ainda assim, também a atribuição de intencionalidade a problemas como critério definidor, pode contribuir para a contaminação do juízo moral do observador (Lindström, 1990). A frustração intensa, por exemplo, pode levar a um comportamento muito violento que, apesar de ser motivado pelo desejo de causar dano. O agressor deve ser lembrado, ligado, diretamente à intencionalidade envolvida na agressão, é que é um ato que não é julgado agressivo, pois não é intencional. Como, por exemplo, quando uma criança joga um objeto em direção ao observador, ainda que o ato seja insignificante, joga um objeto em direção ao observador.

#### **Variáveis desencadeadoras**

Com relação às variáveis que influem na resolução e manutenção da agressão, verificamos que as indicações da existência de um componente de função adaptativa, podem ser apontados como variáveis que intervêm sobre o processo: variáveis de personalidade, experiências anteriores, e contextos culturais, que formam o potencial individual, dirigindo o comportamento. Dentre estas variáveis, como cultura familiar e exposição à mídia, que influem, no sentido de seu incremento ou diminuição, no meio da aprendizagem (Geen, 1990). Por outro lado, também no processo variáveis situacionais, como ataque, conflito, violações da norma e elementos estressantes, como calor, ruído, que influem para ativar o indivíduo, predispondo-o para o comportamento agressivo. É importante ressaltar, que o comportamento é desencadeado após a avaliação complexo, no qual interagem as variáveis situacionais citadas, que aumentam ou diminuem a ativação necessária para impulsivar a agressividade.

Aprofundando um pouco o papel da agressividade, é importante ressaltar que a agressividade é

normas sociais do evento eliciador e da própria emoção resultante, grau de incerteza sobre as consequências envolvidas na situação, grau de controle, e, finalmente, esforço a ser despendido no lidar com a situação. É importante salientar aqui alguns aspectos. A avaliação é dinâmica, ou seja, à medida que transcorre o tempo em que novas informações são incorporadas, as dimensões são reavaliadas, reordenadas, resultando, às vezes, em mudança na própria emoção experimentada. Embora estas dimensões sejam provavelmente universais, na medida em que fazem parte de situações comuns à vida de qualquer indivíduo, em qualquer sociedade, como ataque, perda, surpresa etc., elas, também variam, no sentido em que cada cultura estabelece normas sobre o que consiste novidade, ameaça, etc. Um terceiro aspecto importante diz respeito à incorporação gradual de tais normas no sistema de crenças e valores do indivíduo, à medida em que se processa a sua socialização em uma dada cultura (Ellsworth, 1994). A tendência do sistema cognitivo é a organização, abstração e retenção destas experiências recorrentes em esquemas de situações típicas, os chamados *scripts*, muitas vezes como instância da própria norma (Sternberg, 1996). É neste sentido, portanto, que a exposição à violência representa risco, principalmente no início da vida: os esquemas de interação social que estariam se formando e organizando nesta fase, para a solução de problemas do tipo conflito interpessoal, teriam maior probabilidade de ser de natureza mais violenta também, ocasionado distorções na interpretação de intenções, estreitando o espectro de opções de resolução, etc.

## Evolução da agressividade

Relacionada a este último aspecto, a formação de esquemas, normas, crenças e valores que intervêm no desencadeamento da conduta, encontra-se a questão da estabilidade do comportamento agressivo, se é interrompido, ou se evolui para formas cada vez mais graves de comportamento. Esta questão também apresenta dificuldades porque, como já mencionado, a agressão é um

progressivamente para compreender os indivíduos que se revelam mais tarde. Os que não apresentam desordens atentadas ao bem-estar social, ou seja, que o seu grupo seja composto, também, por pessoas que se comportam de forma precoce e de forma permanente, a adolescência para agressão explícita. Nesse período, a agressão é tão comum que, segundo autores como Borum (2000), de forma que os indivíduos tornem-se normatizados, que emerge na vida adulta, por meio de indivíduos de ambos os sexos que mostravam-se super controlados.

Felizmente, como muitas interrupções da agressão são principalmente do tipo físico, dão breves pausas. Porém, a probabilidade de interrupção é proporcional à gravidade das transgressões. O indivíduo, provavelmente porque seu comportamento não é degradante, não limita suas oportunidades de estudo e, portanto, suas outras palavras, é bem menos agressivo. As crianças altamente agressivas desistam de suas tentativas de agressão, que acabam por limitar suas chances de sucesso social. Este tipo de comportamento, que é comum entre parte de outras crianças, geralmente é resultado de uma medida em que a experiência de sentimentos negativos como a probabilidade de ocorrência de agressões (Moraes, Otta & Scala, 2001).

Um outro aspecto importante, relacionado às questões de surgimento e da evolução, diz respeito à compreensão de uma trajetória de comportamento, de fato, repousada na necessidade de se distinguir entre diferentes tipos de comportamento, isto é, entre

comportamentos menos violentos, do tipo conflito com autoridade, teimosia, desobediência, cometidos por uma grande proporção de crianças. Na parte intermediária desta pirâmide, pela diminuição no número de indivíduos envolvidos, estão duas trajetórias: uma explícita que envolve provocações, seguidas de brigas físicas, e deste ponto em diante, para delitos muito graves como estupro, ataque, etc. Na vertente complementar, da agressão furtiva, estão envolvidos comportamentos como furto em lojas, vandalismo e outras formas de desrespeito à propriedade, que evoluem para formas mais graves de delito, como fraude, roubo, etc.

A seqüência destes comportamentos é outra fonte de controvérsia relacionada, estreitamente, à questão da existência de mais de uma trajetória e mais de um tipo de agressão. Algumas seqüências foram identificadas e são importantes no que tange à prevenção: de modo geral, o processo desenvolve-se de modo ordenado, progredindo das transgressões menos graves, como desobediência, para outras como roubo e, daí, para atos violentos explícitos. Muitos jovens não ultrapassam os primeiros estágios de agressão furtiva, o que ainda é pouco explicado pelas pesquisas.

### **Aspectos Cognitivos e Afetivos Envoltos na Agressão**

Outra polêmica entre os pesquisadores e de interesse para a presente pesquisa é se as diferentes formas de agressão, furtiva e explícita, partilham as mesmas causas. No que tange à afetividade, verifica-se o envolvimento de emoções diferentes: a raiva geralmente acompanha a explícita, enquanto a furtiva é acompanhada por afetos mais neutros, exceto pelo dano à propriedade alheia, que é voltado para prejudicar o outro (Loeber & Stouthamer-Loeber, 1998). Com relação aos aspectos cognitivos, observam-se diferenças marcantes: na explícita é verificada dificuldade em encontrar soluções não agressivas para conflitos interpessoais e um viés nas inferências sobre as intenções alheias (Astor, 1994; Deluty, 1995; Loeber & Hay, 1997). Os aspectos cognitivos dos perpetradores da agressão furtiva são menos conhecidos,

a probabilidade das vítimas tornarem-se de seus familiares (Azevedo & Guerra, 1997). Loeber e Hay (1997) discutem que o estudo mesmo de relação familiar, não pode ser determinístico: crianças de famílias problemáticas compensar as circunstâncias familiares salientar que resultados apontando na mesma encontrados em nosso meio (Cecconello, 1997).

A posição familiar também é importante, com irmãos mais velhos são mais desenvolvidos cognitiva social, a chamada teoria da mente únicos, e inferem melhor as intenções alheias. Ser destacado é o gênero, nem sempre considerado pelos pesquisadores como determinante. Talvez porque esta questão, seja a suposição decorrente de que meninas seguem a mesma trajetória. As diferenças entre os sexos, entretanto, são fatores ligados à socialização têm um peso, pois não se constatou diferença significativa entre os sexos quanto ao aspecto na primeira infância, o que se observa em outras emoções (Ellsworth, 1994). Já no período da adolescência, as meninas começam a se manifestar, pois os meninos mostram maior tendência do que meninas a agredir (Otta & Sousa, 1999) em determinados contextos (Otta & Souza, 1995). Além disso, meninas, quando este aspecto, iniciam mais tarde, geralmente, que os meninos (Otta & Souza, 1999).

### **Atitudes e valores**

Um aspecto bastante relacionado ao que anteriormente diz respeito ao peso das atitudes é a probabilidade de agredir ou não (Loeber & Hay, 1997). Os resultados a este respeito são contraditórios, em função da relação à associação da agressão a atitudes favoráveis à violência e agressão aumenta, como a estabilidade, e também, a previsão de que a atitude prever comportamento, e este último é mais violento. Com relação ao aspecto da transferência de agressão, verifica-se variação de acordo com o contexto (Loeber & Hay, 1997).

perpetrador das consequências do seu ato e da probabilidade de ocorrência de sanção social para os mesmos. Esta percepção é fruto de uma mudança do poder das sanções externas para a transgressão, como, por exemplo, disciplina dos pais, para uma regulação interna do comportamento. É muito provável que a habilidade de regular emoções negativas, como raiva e impaciência, desempenhe um papel importante na interrupção da agressão e da violência. A desistência é, possivelmente, resultado da adoção de valores e padrões de conduta não violentos. Tal mudança precisa, todavia, ser mais investigada, principalmente entre jovens do sexo masculino, para verificar se adotaram mesmo valores contrários à violência, ou se simplesmente, passaram a praticar violência doméstica contra a esposa e os filhos para uma inserção social no mundo do trabalho e da comunidade. Concluindo, os fatores protetores e de risco foram bastante investigados, mas poucos resultados sólidos encontrados, exceto que as meninas são mais vulneráveis a problemas familiares graves. Uma observação interessante relacionada a este aspecto (Loeber & Hay, 1997) é sobre a necessidade de mais pesquisas que focalizem os fatores protetores, principalmente, se aqueles que resguardam as meninas, de modo geral menos transgressoras, protegeriam também os meninos. A este respeito, vale lembrar uma certa cautela: Ceccanello e Koller (2000) alertam para resultados da literatura sobre Psicopatologia do Desenvolvimento, que relatam que meninos tendem a exteriorizar os sintomas de má adaptação pela agressividade ou adição a drogas, enquanto as meninas tendem a internalizá-los pela depressão e ansiedade.

Finalmente, um resultado importante relacionado ao aspecto anterior: a agressividade responde bem a programas de intervenção, que infelizmente, são realizados mais freqüentemente na idade escolar, quando a agressão já pode ter surgido e se instalado, sem que a criança tenha aprendido a regulação da mesma (Tremblay, 2000).

Resumindo o que foi examinado acima: a agressão é um comportamento que apresenta dificuldades para ser internalizado (Loeber & Hay, 1997), mas que pode ser regulado, sempre que houver a oportunidade.

constatam que a agressividade é maior entre meninos e entre meninas; 2) é também maior entre adolescentes e entre jovens. Ainda, da evolução ordenada, independentemente da idade, sejam encontrados índices relevantes. É razoável esperar que as tendências sejam similares entre meninos e meninas, dos 10 anos, após ter atingido a incorporação de atitudes e valores que passarão a regular a conduta.

Na seção a seguir, serão analisados comportamentos alternativos à agressividade, que podem contribuir para a resolução de problemas do tipo.

### **Condutas não Agressivas e Interpessoais**

Como já observado, verifica-se que as meninas dão maior atenção ao comportamento assertivo, que é mais pesquisado, do que as formas alternativas de resolução de conflitos interpessoais, como a assertividade. Esta última foi basicamente desenvolvida em clínicas na década de 1970, sendo considerada como um dos componentes da terapia cognitivo-comportamental social, o que ocorre pouco em Portugal (Del Prette, 1996). Nesta seção, serão examinados que aspectos estes comportamentos alternativos à agressividade: forma de manifestação e conteúdo.

O comportamento assertivo é uma forma de agressividade, pelo confrontamento direto, evidenciado em comportamentos que respeitam os próprios direitos e opiniões, sem violência, nem ameaça, nem forma de coerção, como violência verbal, ameaças e opinião alheias (Deluty, 1996). A assertividade também expressa a opinião de quem fala, como, por exemplo, elogiar e criticar os outros. Neste sentido, é importante que os comportamentos em situações de conflito sejam assertivos, sempre seja o mais aconselhável. A assertividade é uma situação que envolve respeito ao outro, ao seu direito de falar, de opinar, de manifestar.

da situação nem sempre é motivado pelo que é considerado socialmente desejável. Muitas vezes, o comportamento submisso é motivado, simplesmente, pelo medo do confronto, constituindo, assim, o verso da agressividade (Deluty, 1979). Em outras palavras, muitos indivíduos se comportariam de modo agressivo em muitas situações, caso sentissem condições de obter sucesso com isso. É interessante observar a este respeito, que desde cedo, aos 5 anos em média, crianças são capazes de detectar o poder inibidor do sentimento de medo, pois crianças agressivas são percebidas por seus pares não só como agressivas, mas também como mais medrosas do que outras (Morais & cols., 2001).

Supunha-se, inicialmente, que, tanto os comportamentos agressivos como os submissos, seriam mais freqüentes do que os assertivos, pela inabilidade de muitas crianças em avaliar a inadequação de um comportamento naquela situação (Deluty, 1981). Porém, as pesquisas têm revelado que crianças agressivas e submissas sabem que seus comportamentos são inadequados na resolução de conflitos interpessoais, mas têm dificuldade em considerar respostas não agressivas ou não submissas para resolver este tipo de problema, como se as soluções possíveis se resumissem a luta ou fuga, sem outras alternativas entre os dois extremos. Além disso, verificou-se que, mesmo quando são capazes de pensar nestas alternativas, algumas acham que se beneficiarão mais apresentando um comportamento agressivo ou submissivo (Deluty, 1995).

## A Importância da Cultura

Os pais e outros responsáveis pelo cuidado da criança têm um papel importante sobre a escolha de resposta à situação de conflito. Os meninos gozam de maior liberdade para expressar agressividade, enquanto as meninas, geralmente, sofrem retirada de aprovação quando agem de modo não submisso. O estilo familiar de resolução de conflitos tem papel importante, pois, como em muitas outras situações, os pais atuam como modelos para as crianças (Deluty, 1981). Entretanto, tais diferenças na socialização

para um funcionamento psicológico maior (Kitayama, 2001; Markus & Kitayama, 1991), da convivência harmoniosa com o outro, e solidariedade (Dias, Vikan & Gravas, 2001), em maior ênfase na observância de práticas de obediência, no respeito à autoridade, etc. (Wong, 2000), que poderiam, a nosso ver, favorecer ou pelo menos, uma percepção da subjetividade socialmente desejável.

Além disso, professores e outros profissionais valorizam mais a obediência, a cooperação e os comportamentos pró-sociais, possivelmente criando nas crianças a conclusão de que quaisquer outros conflitos são indesejáveis (Del Prette & Del Prette, 1995). Evidências desta tendência foram observadas em crianças de 5 anos em média, que interpretaram como comportamentos explicitamente qualificados como indicativos de submissão (Morais, 1995). É importante, neste sentido, lembrar o já apontado por (1995), o comportamento assertivo muitas vezes ensinado, tanto no conteúdo como na forma, como pensamentos e sentimentos perde força se a comunicação é feita com um tom de voz firme e contato visual constante.

Concluindo, os conflitos interpessoais resolvidos basicamente de três formas: por meios coercitivos, como o agressivo, que fazem com que a opinião de quem os emite, mas sem considerar os direitos, sentimentos e opiniões do outro; comportamento submisso, o verso do agressivo, que faz com que a pessoa considere os direitos e sentimentos do outro, mas sem considerar os próprios, levando quem o faz a esquivar-se da situação. Finalmente, o assertivo, o mais desejável, e, por que evoluído pelas coordenações cognitivo-afetivas, toma em consideração os próprios direitos, as idéias, e os explicita, sem com isso ferir as tendências de resolução de conflitos já aprendidas com modelos, como pais e

(Oyama, 1994; Raeff, 1997). Nem a cultura é simplesmente o reflexo de funcionamentos individuais agrupados. Pelo contrário, os indivíduos envolvem-se ativamente na interpretação do significado da experiência, e também, criam coletivamente mundos intencionais, que são mais que uma somatória de contribuições individuais. Os significados culturais são negociados na interação social, o que, além de abrir espaço para as diferenças individuais, imprime dinamismo à própria cultura que se modifica em função destas.

A partir do que foi concluído acima, é possível levantar algumas hipóteses: 1) como na tendência à agressão, serão encontradas diferenças nas demais tendências ligadas a gênero, esperando-se que meninas mostrem-se mais submissas e assertivas que meninos, pois são estimuladas a um comportamento não agressivo; 2) é provável que indivíduos com tendências agressivas apresentem, também, índices elevados da tendência complementar, a submissão, tendo em vista que o medo, ou, ainda, a percepção da desejabilidade social, é que tendem a guiar a conduta, mais que a consideração da importância da defesa dos próprios direitos e sentimentos e, também dos alheios; 3) tendo em vista que diferenças culturais expressam-se em sistemas de valores diferentes, possivelmente serão encontradas variações na manifestação das três tendências em ambientes culturais diversos.

### **Método**

Conforme já explicado na apresentação do trabalho, foram realizados dois estudos com alunos de escolas públicas e privadas, sendo a diferença entre os mesmos o material utilizado: no Estudo 1, a Escala CATS foi aplicada em sua versão completa, em 13 situações acompanhadas das respectivas alternativas (Deluty, 1979). No Estudo 2, a escala foi aplicada na forma abreviada por Deluty (1981) em 10 situações, sem as alternativas, caracterizando um questionário aberto. Passaremos então à descrição de cada estudo e seus resultados.

idade variou entre 12 e 16 anos (13,5 em média). As escolas eram públicas e privadas, a idade dos alunos variava entre 12 e 16 anos. Nas duas escolas públicas, a aplicação da pesquisa nas séries de 2<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> foi feita por considerar que os alunos teriam maior acesso ao material na forma desenvolvida.

### **Material**

A Escala CATS foi-nos cedida por Deluty, que a desenvolveu e validou (Deluty, 1979). Foi traduzida para o português por um psicólogo fluente em língua inglesa e avaliada por outro psicólogo, também fluente em inglês. Não foi possível seguir a estrutura original da escala, devido a adaptações na tradução, como a eliminação de alternativas que não se referiam ao conflito, deixado deliberadamente. Neste sentido, procedeu-se a uma adaptação da escala, com 99 alunos de 2<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> série, que foram fornecidas quatro versões da escala, uma para cada participante, feminino ou masculino. Os escores médios obtidos, revelaram que, caso fosse necessário, seria melhor que fosse a versão feminina da escala.

A Escala CATS, em sua versão completa, descreve breves descrições de situações que envolvem uma submissa e uma assertiva, com três alternativas, que são alternativas mais típicas das suas reações. As alternativas são classificadas de tendências de resolução de conflitos: uma de submissão e uma de assertividade. A escala foi apresentada impressa em duas páginas, devendo o participante responder a cada alternativa.

estão cientes. Sofrer injustiça por parte de colegas envolver o livro preferido devolvido danificado, e, por parte dos pais, ser castigado pelo delito alheio. Sofrer os azares da sorte que provocam frustração consiste em perder um prêmio por um ponto e levar uma bolada na cabeça dada por uma criança pequena. Sofrer sanções dos pais envolve cumprir o horário de dormir no meio de um programa de TV e sofrer reclamações por estar fazendo muito barulho. Finalmente, a humilhação pública consiste em ser vaiado e xingado publicamente pelos colegas pelo mau desempenho em um jogo. Vale lembrar que muitas destas situações estão presentes no material utilizado por Dias e colaboradores (2000) para avaliar como crianças lidam com sentimentos de raiva e tristeza.

### Procedimento

Em todas as escolas que participaram do estudo foi feito um contato inicial, apresentado-se os objetivos da pesquisa, o material a ser utilizado no caso (Escala CATS- versão completa), e as condições de aplicação. As escolas se encarregaram de informar aos pais sobre a realização da pesquisa e obter seu consentimento na reunião de entrega de notas.

A aplicação da escala foi realizada coletivamente em sala de aula por duas pesquisadoras do sexo feminino: uma, que atuando como aplicadora, explicava os objetivos da pesquisa, como o material deveria ser respondido, lendo em voz alta para a classe a primeira situação e suas alternativas, esclarecendo eventuais dúvidas. Vale observar que nas séries iniciais, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>, a escala e suas alternativas foram lidas na íntegra pela aplicadora, para auxiliar a compreensão das crianças sobre o preenchimento da mesma. A aplicadora foi acompanhada por uma observadora que ajudava no esclarecimento de dúvidas e na conferência do material. Em todas as salas foi, ainda, informado que a participação na pesquisa não era obrigatória, nem a identificação do participante, bastando as iniciais de seu nome e a sua idade. Foi também solicitado às professoras que se retirassem da sala de aula quando a aplicação iniciasse.

de que as tendências de resolução de conflitos entre as amostras americanas e brasileiras são as mesmas. Em outras palavras, tanto as meninas americanas quanto as brasileiras escolheram prioritariamente a resolução de conflitos de tipo assertivo, seguida pela resolução de conflitos de tipo intermediária e por último, as agressivas. Porém, foram encontradas diferenças entre as meninas americanas e brasileiras, com diferenças pequenas, mas significativas, entre as meninas americanas e brasileiras quanto à assertividade e submissão, sendo a média de assertividade das meninas americanas significativamente maior ( $t=2,40; p<0,01$ ) e a de submissão dos participantes da amostra americana significativamente menor ( $t= 1,955; p<0,05$ ) que a da amostra brasileira.

Este mesmo padrão de tendências de resolução de conflitos é mantido quando se analisa a média das três tendências segundo o sexo das amostras, pois as médias de assertividade das meninas brasileiros e americanas não são significativamente diferentes, mantendo-se, ainda assim, a mesma tendência de resolução de conflitos. Já as diferenças entre as meninas e meninos americanos e brasileiros, são significativamente maiores e elevadas que as de ambos os gêneros na amostra brasileira (respectivamente,  $t=2,006; p<0,05$ ;  $t=1,955; p<0,05$ ), confirmando, assim, o já verificado anteriormente, que as meninas americanas e brasileiras não são significativamente diferentes entre si, mas que os meninos americanos e brasileiros são significativamente diferentes entre si. No entanto, com relação à assertividade, já constatada anteriormente entre as duas amostras, verifica-se que o gênero é um fator importante, pois só as meninas brasileiras são significativamente mais assertivas que as americanas, enquanto os meninos americanos e brasileiros não se encontraram com diferenças quanto a assertividade.

Analizando estas tendências por idade, encontramos novamente ausência de diferenças entre as meninas americanas e brasileiras, com a mesma tendência à assertividade, ainda a menor assertividade das meninas americanas e brasileiras nos dois tipos de escola, pública e privada. Também não se encontraram diferenças entre as meninas americanas e brasileiras quanto à média das tendências à assertividade, mas as meninas americanas e brasileiras das escolas privadas dos dois países, apesar de suas diferenças de assertividade, são encontradas com diferenças significativas entre si, com as meninas americanas privadas tendendo a ser mais assertivas que as brasileiras privadas.

brasileiros de 3<sup>a</sup> série são significantemente maiores ( $t = -2,19$ ;  $p < 0,05$ ) que as médias de alunos da mesma série americanos, o que muda na 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> série, em que as médias de assertividade de alunos brasileiros passam a ser significantemente menores ( $t = -2,64$ ;  $p < 0,01$ ).

Resumindo os resultados relativos à comparação das duas amostras, verificamos a existência de semelhanças na tendência geral de resolução de conflitos, na medida em que soluções assertivas de conflito interpessoal são preponderantes nas duas amostras e as agressivas as mais raras, verificando-se, portanto, que o instrumento mostra-se, de modo geral, adequado para aplicação em nosso meio. Deve ser lembrado, porém, que quando esta análise é refinada no sentido de comparar a incidência de cada tendência nas duas amostras, ou mesmo, em sub-amostras, compostas por gênero e tipo de escola, verifica-se que a resolução por submissão é mais acentuada na amostra brasileira que na americana e a assertiva nesta última, diferenças que manifestam-se, principalmente, entre meninas, alunas de escola pública, de séries mais avançadas.

Analisaremos, a seguir, como se apresentam estas tendências na amostra brasileira, de modo a obter uma descrição mais pormenorizada das mesmas em nosso meio. Na tendência à assertividade, a análise de variância mostrou que a tendência assertiva de resolução de conflitos é mais preponderante no sexo feminino que no masculino ( $F(11,767) = 18,16; p < 0,00$ ). Também foram observadas diferenças em relação à série, ( $F(11,767) = 2,67; p < 0,05$ ). O teste LSD revelou que entre alunos de 5<sup>a</sup> a 7<sup>a</sup> série, encontra-se menor tendência à resolução de conflitos por assertividade do que entre alunos de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> série, indicando uma progressiva diminuição desta com o progresso na escolaridade, independente do gênero e do tipo de escola, restrita no caso à 5<sup>a</sup> série.

No que diz respeito à tendência à agressividade, a ANOVA evidenciou que o gênero é uma variável importante, pois as meninas mostraram-se significativamente menos agressivas que os meninos ( $F(11,767) = 80,894; p < 0,00$ ). Não foram encontradas diferenças significativas entre os gêneros quanto ao nível de agressividade.

Analisadas as tendências po-  
o teste *T* revelou que as resolu-  
( $t(777) = -1,963; p < 0,05$ ) e asserti-  
são mais freqüentes entre alun-  
os entre alunos de escola públi-  
submissos ( $t(777) = 6,242; p < 0,001$ ).

Finalmente, analisando os tipos escolhidas soluções diferentes daquela mostrada acima, encontro submissão nas situações de ser inteligente por um colega e ter um colega. Maior tendência à agressão em situações de sofrer repreensão do

Resumindo os resultados em a amostra brasileira assemelha-se pela predominância de dois tipos assertivo e submisso. Porém, quase de cada tendência nas duas amostras americanas são um pouco mais, sendo estes, por sua vez, mais assertivos. Ao que tudo indica, esta diferença entre alunos de escola pública, do sistema avançadas. Na amostra brasileira, tanto os gêneros quanto à incidência de meninos mais propensos à escala agressivo e meninas ao assertivo, progressivamente mais submissas. O avanço na escolaridade, enquanto maior estabilidade em suas tendências, mostra uma tendência à maior assertividade. Os alunos de escola privada a maior assertividade.

Considerando as diferenças brasileira e americana, e ainda, e cuja comparação ficou restrita à pertinente verificar, em maiores detalhes, as tendências verificadas em série privada. Além disso, a presença de respostas que não ocorreriam caso

### **Material**

A Escala CATS contendo dez situações de conflito interpessoal, conforme já realizado por Deluty (1981), foi aplicada sem as alternativas, impressa em um folheto de duas páginas. As situações retiradas por sugestão de Deluty foram duas envolvendo conflito com os pais, a da exposição à situação que causa desconforto e a da reclamação por excesso de barulho; e a terceira, aquela em que se é acusado de mesquinaria pelo colega a quem se negou o empréstimo da lição.

### **Procedimento**

As condições de aplicação do estudo 2 foram basicamente as mesmas seguidas no Estudo 1. Após o contato inicial com as escolas e informação aos pais como no Estudo 1, foi feita a aplicação coletivamente em sala de aula, estando presentes duas aplicadoras do sexo feminino, sem a presença da professora. Os procedimentos de explicação dos objetivos do estudo, ausência de obrigatoriedade na participação e identificação, foram explicados como no Estudo 1, assim como responder às questões, esclarecendo-se eventuais dúvidas. Cerca de um quarto dos alunos de 5<sup>a</sup> série da escola pública recusou-se a participar, por considerar muito trabalhosa a resposta escrita ao questionário.

Finalmente, a categorização das respostas em submissas, assertivas e agressivas foi realizada de modo independente por dois juízes, que obtiveram um índice de concordância de 93% entre si, segundo a fórmula padrão de soma das concordâncias e discordâncias divididas pelo número de concordâncias multiplicadas por 100. As discordâncias encontradas foram resolvidas após discussão dos critérios envolvidos no julgamento. É importante ressaltar que foram encontradas respostas que combinavam duas tendências, pois continham elementos de ambas ao mesmo tempo, que foram categorizadas como mistas. Um exemplo deste tipo de resposta, dada por uma menina na situação do que faria se levasse uma bolada de uma criança menor: *Depende: Nada, se foi sem querer. Se foi por querer, chutava a bola longe.* Contrastando com a situação anterior, esta é mais submissa, mas não é só submissa, pois o resultado é de que a menina não vai agir.

( $M=111$ ), agressivo ( $M=91,9$ ), ou uma mistura dos dois tipos de solução ( $M=52,1$ ). As respostas ( $M=49,5$ ) ficaram abaixo destas últimas. Foi possível identificar outras tendências mistas, combinando solução submissas ( $M=10,2$ ) ou soluções assertivas ( $M=7,7$ ).

Quando analisadas segundo o gênero, as meninas mostraram manutenção parcial das mesmas tendências que a amostra como um todo: submissão e assertividade. As duas primeiras tendências de resolução de conflito, a tendência assertiva, verifica-se uma diferença importante entre os sexos, que forneceram proporcionalmente mais elementos assertivos, combinando elementos de submissão e assertividade. As meninas mais soluções assertivas. Além disso, os resultados médios revelam que meninos fornecem mais soluções julgadas agressivas ( $M=47$ ) que meninas, enquanto essas últimas apresentam mais soluções julgadas assertivas ( $M=50$ ) do que eles ( $M=60$  para  $M=50$ ).

Comparando-se estas tendências entre os tipos de escola, conflitos por tipo de escola, verificamos que as meninas das duas primeiras, isto é, as soluções assertivas, fornecem proporcionalmente as mais freqüentes soluções julgadas assertivas na escola pública (39%) como na privada (33%) e as soluções agressivas (pública= 32% e privada= 27%). No entanto, nos dois tipos de escola, soluções assertivas e submissas combinam ao mesmo tempo elementos assertivos e submissos. As soluções julgadas assertivas e submissas são mais apontadas na escola privada (privada= 19% e pública= 14%). As meninas da escola privada apontam, proporcionalmente, mais soluções julgadas assertivas (17%) que as meninas da escola pública (13%), e, proporcionalmente menos de soluções julgadas submissas (11%) que as meninas da escola pública (14%).

Finalmente, quando se examinam estatisticamente as três séries, não se observam diferenças acima das que já havia sido verificado anteriormente. As tendências de solução assertiva e submissa são escolhidas na mesma proporção, tanto na escola privada quanto na escola pública.

diferença de apenas um ponto. Também foram encontradas soluções generalizadas, no caso de agressividade, a situação de sofrer punição injusta por parte dos pais e ser empurrado fora da fila por um colega. Já as situações do livro preferido ser devolvido danificado por um amigo, levar uma bolada na cabeça dada por uma criança menor, e ser obrigado a cumprir o horário de dormir pelos pais, no meio de um programa de TV, sofreram influência do gênero: na situação do livro danificado pelo amigo, as meninas mostraram-se proporcionalmente mais assertivas (38,4%) que os meninos (7%), que se mostraram mais agressivos (52%); na situação da bola lançada na cabeça por uma criança pequena, as meninas mostraram maior tendência à submissão (36%) que os meninos, que mostraram igualmente as duas tendências, submissão (31,9%) e agressividade (31,9%), e finalmente, na situação em que os pais interrompem o programa de TV, os meninos mostraram-se proporcionalmente mais agressivos (38,7%) e as meninas mais assertivas (31,8%). Tais diferenças confirmam o que já havia sido verificado anteriormente nas tendências de cada gênero independente da situação.

Em suma, quando solicitados a fornecer soluções resgatadas da memória para os mesmos problemas do Estudo 1, os participantes manifestaram duas tendências: submissão e agressividade, independente do gênero, idade e tipo de escola. Variações foram encontradas na terceira e, menos resgatada tendência: a assertividade mais comum entre alunas de escola privada, e soluções combinando elementos de submissão e agressividade, mais freqüentes entre alunos do sexo masculino, de 7<sup>a</sup> série de escola pública. Assim, o Estudo 2 favorece a conclusão de que o resgate da memória de soluções para problemas interpessoais evidencia tendências muito mais de tipo submisso e agressivo em nosso meio, pois só foram encontradas diferenças com relação à terceira e última tendência, que variou entre assertividade e uma mistura de elementos de submissão e agressividade. Neste sentido, acentua-se o que já havia sido vislumbrado no Estudo 1, a evolução, em nosso meio, para a resolução de conflitos mais de tipo submisso, seguida de sua contrapartida

sendo estes, por sua vez, mais agressivos. Ao que tudo indica, esta diferença entre alunos de escola pública, do setor privado, é mais avançadas. A este respeito, vale lembrar a hipótese de especificidades culturais de conflitos interpessoais levantada na literatura, e que podem explicar as diferenças encontradas. A ênfase cultural psicológico independente, dada ao tema de autonomia na expressão e desenvolvimento de sentimentos, parece confirmada, uma vez que nas médias de maior assertividade, a ênfase de culturas da interdependência e orientais como a nossa, no sentido de funcionamento psicológico e social, de obediência e respeito à autoridade, é maior tendência à submissão (Dias & cols., 2000).

Foram verificadas ainda na amostra diferenças atribuíveis ao gênero, quanto à intensidade da assertividade, sendo meninos mais propensos a apresentar conflito agressivo e meninas submissas, tornam-se progressivamente mais assertivas ao longo da escolaridade, enquanto as meninas mantêm maior estabilidade em suas tendências assertivas, que são levantadas com base na literatura e na idade. Alunos de escola pública mostraram maior submissão, enquanto alunos de escola privada mostraram maior agressividade e assertividade, o que pode ser explicado em virtude da ausência de dados de escola privada na amostra consultada.

Já o Estudo 2 evidenciou que as diferenças entre as tendências predominante entre os sexos, quanto à resolução baseada no resgate da memória, são difíceis de serem explicadas.

identificados por Deluty (1979), que se mostraram, ainda, quando resgatadas da memória, muito semelhantes ao proposto nas alternativas da escala desenvolvida pelo autor. Além disso, encontrou-se alguma coincidência de situações que provocaram nos dois estudos o mesmo tipo de solução, no caso a de tipo submissa: as situações de crítica à inteligência e a recusa a um pedido. A este respeito, deve ser lembrado ainda, que situações muito semelhantes foram identificadas como relevantes para a investigação em nosso meio de como crianças lidam com sentimentos (Dias & cols., 2000), e, também, habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2002).

Neste sentido, verifica-se que alunos brasileiros são sensíveis, desde muito cedo, ao que é considerado socialmente desejável na resolução de conflitos interpessoais, pois verificamos predominância de soluções assertivas também nas séries iniciais, como a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> série no Estudo 1. Porém, quando solicitados a recuperar, da memória, o tipo de resolução que dariam à situação descrita no instrumento, verifica-se que as soluções submissas e agressivas são mais freqüentes, confirmando a dificuldade, já apontada por Deluty (1981), em encontrar soluções alternativas para conflitos. Convém, entretanto, lembrar que não foi possível contar com a participação de alunos mais jovens no Estudo 2, mais assertivos que os mais velhos no primeiro estudo, em função das características do instrumento, que encontrou resistência até entre alunos de 5<sup>a</sup> série. Fica então em aberto a que variável atribuir a menor tendência à assertividade encontrada no Estudo 2, se ao fator idade, verificado no crescimento da submissão com o decorrer do desenvolvimento constatado no Estudo 1, ou aos esquemas de solução mais submissos presentes na memória, estimulados pela cultura, mais colocados em evidência pelas características do instrumento aberto. Além disso, o Estudo 1 evidenciou que não só a submissão vai aumentando com a idade, mas que isto ocorre, principalmente, entre alunos do sexo masculino, sendo o feminino mais estável e assertivo, o que foi confirmado no Estudo 2. Seria importante então construir instrumentos

diferenças de gênero, principalmente agressividade, quando são solicitadas demandam a recuperação da memória de conflitos interpessoais. Neste sentido, mostram maior tendência à assertividade os meninos, mostrando, porém, maior agressividade que a revelada no instrumento contendo alternativas. É provável que as sociais a que estão sujeitas, se manifestam as impeçam de manifestá-la (Deluty, 1999). Oferecidas outras alternativas, como as alternativas na escala. Porém, em situações de menor intensidade, em que é necessária a recuperação de soluções, revelam-se preferencialmente mais agressivos, como no Estudo 1.

Um resultado não esperado, porém identificação de diferenças já evidenciadas os dois tipos de escola, pública e privada, que mesmo que mais atenuadas no Estudo 2: as escolas privadas mostraram-se mais assertivas que as escolas públicas, que foram mais submissos e apresentaram mais freqüências médios encontrados.

Finalmente, alguns resultados encocaram algumas inter-relações da cognição e a sensibilidade ao que é visto como mais adequado, como as resoluções de tipo assertivo, produzidas pelas duas amostras bem precocemente, o ajuste apropriado para um dado gênero, como a maioria das meninas, nas duas amostras e nos dois submissas que os meninos, a trajetória da conformidade social, no caso, da cultura, o ajustamento ao outro, pela resolução preponderante que foi encontrada no Estado.

Portanto, com relação à motivação inicial de esclarecer alguns aspectos ligados às conclusões favorecidas são:

Instrumentos como a escala CATS favoreceram a realização de investigações mais extensa do tipo *surve*

nos dois estudos, pela maior presença de soluções submissas na escola pública do que na privada.

Relacionada a este aspecto, a necessidade de pesquisas que explorem alguns aspectos como a adaptação de instrumentos e procedimentos, a exemplo do desenvolvido por Del Prette e Del Prette (2002) para aferir habilidades sociais, que permitam o acesso a respostas a questões abertas por parte dos alunos mais jovens, sem com isso induzir respostas socialmente desejáveis, como por exemplo, as que poderiam ocorrer na presença do experimentador.

E por último, o que não implica em menor importância que os aspectos apontados acima, a necessidade de programas educacionais que busquem desde cedo levar as crianças, não só à percepção dos próprios sentimentos e direitos, mas, também dos alheios, aprendendo com isso a solucionar conflitos de modo pacífico, flexível e diversificado, conciliando direitos e sentimentos de todos os envolvidos. A constatação de que os esquemas de solução de problemas interpessoais recuperados pelos participantes deste estudo são predominantemente de tipo submisso e agressivo nos parece preocupante, tendo em vista que ambas representam os dois lados de uma mesma moeda.

## Referências

- Astor, R. (1994). Children's moral reasoning about family and peer violence: The role of provocation and retribution. *Child Development*, 65, 1054-1067.
- Azevedo, M. A & Guerra, V. (1995). *Violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe.
- Borum, R. (2000). Assessing violence risk among youth. *Journal of Clinical Psychology*, 56, 1263-1288.
- Briggs, H.; Tovar, D. & Corcoran, K. (1996). The children's action tendency scale: Is it reliable and valid with latino youngsters? *Research in Social Work Practice*, 6, 229-235.
- Cecconello, A. M. & Koller, S.H. (2000). Competência social e empatia: Um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5, 71-93.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 233-255.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2002). Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: Indicadores sociométricos associados a frequência versus dificuldade. *Psicologia em Estudo*, 7, 61-73.
- Deluty, R. H. (1979). The children's action tendency scale: A self report measure of
- Deluty, R. H. (1995). Assertiveness vs aggression in children. *Journal of Family Magazine, August*, 26-27.
- Dias, M. G. B. B., Vikan, A. & Gravas, S. (2000). A influência da agressão entre pais e filhos na emoções de raiva e tristeza. *Estudos de Psicologia*, 21, 11-20.
- Edmunds, G. & Kendrick, C. (1980). *The measurement of aggression*. London: Tavistock.
- Horwood, L. G. (1995). The relationship between aggression and mental health in children. *Journal of Family Violence*, 10, 267-283.
- Ellsworth, P. (1994). Sense, culture and sensibility: A comparison of American and Chinese children. *Emotion and culture: Empirical studies of mutual influences*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Geen, R. G. (1990). *Human aggression*. NY: Academic Press.
- Kitayama, S. (2001). Culture psychology of the self: A comparison of individualism and interdependency. *International Journal of Psychology*, 36, 21-35.
- Loeber, R & Hay, D. F. (1997). Development of aggression in boys. *Journal of Research in Crime and Justice*, 48, 411-447.
- Loeber, R. & Stouthamer-Loeber, M. (1998). The social context of aggression and violence. *American Psychologist*, 53, 242-252.
- Magalhães, C. M. C. & Otta, E. (1995). Agressão entre pais e filhos: A influência de variáveis situacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11, 19-26.
- Markus, H. R. & Kitayama, S. (1991). Culture and the self. *Psychological Review*, 98, 224-253.
- Moraes, M. L. S., Otta, E. & Scala, C.T. (2001). Status social e agressão entre pais e filhos: Um estudo de comportamentos. *Reflexão e Crítica*, 14, 191-131.
- Otta, E. & Sousa, I. J. F. C. (1999). Crianças alfabetizadas e desempenhados num grupo de pré-escritores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 185-196.
- Oyama, S. (1994). *Rethinking development: Culture, self and the life course*. Connecticut: Praeger.
- Raeff, C. (1997). Individuals in relationships: Culture, self and the development of an american in the 1990s. *Journal of Social Psychology*, 127, 205-238.
- Sastré, G. & Moreno, M. (2002). *Resolução de conflitos entre crianças: A transversalidade*. São Paulo: Moderna.
- Schwarz, N. (1999). Self-reports: How the self is represented. *Psychological Review*, 54, 91-105.
- Sternberg, R. (2000). *Psicologia cognitiva* (M. R. Sternberg, Ed.). Madrid: Ediciones SM.
- Tremblay, R. E. (2000). The development of aggression in children: What have we learned in the past century? *Journal of Research in Crime and Justice*, 42, 129-141.
- Yunes, J. (2002). Prefácio. Em M. F. Westphal, Ed. *Psicologia da infância e adolescência*. São Paulo: EDUSP.
- Wang, Q. & Leichtman, M. D. (2000). Same behavior in American and Chinese children's narratives. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30, 401-416.

#### **Anexo A**

Exemplo de uma situação da escala CATS:

Você está jogando um jogo com seus amigos. Você tenta jogar o melhor possível, mas erra o tempo todo e começam a caçoar de você e xingam você de vários nomes. O que você faria?

a. Largaria o jogo e iria para casa.

**ou**

b. Bateria em quem está caçoando mais.

a. Falaria para parar porque não iriam gostar se fosse com eles.

**ou**

b. Largaria o jogo e iria para casa.

a. Bateria em quem está caçoando mais.

**ou**

b. Falaria para parar porque não iriam gostar se fosse com eles.